



## COLEÇÃO LUIZA RAMOS: UM NORDESTE IMAGINADO EM RENDAS

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3383

Márcia Pereira de Oliveira

### Resumo

O presente trabalho é uma síntese da Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da UNIRIO em 2014. Trata-se de uma análise da Coleção Luíza Ramos, que é composta por mais de três 509 mil amostras de rendas, bilros e outros apetrechos ligados a produção do referido artesanato. Adquiridas pela professora de música Luíza Ramos e seu marido, o antropólogo e médico alagoano Arthur Ramos, entre as décadas de 1930 e 1940, as peças foram suportes para os estudos do casal e resultou na publicação do livro, *A renda de bilros e sua aculturação no Brasil: nota preliminar e roteiro de pesquisa*. Em 1957, a coleção, foi adquirida pela Universidade Federal do Ceará e, atualmente, faz parte do acervo da Casa de José de Alencar. Resultado de uma pesquisa que começou em 2005, a Dissertação, tinha como seu principal objetivo a análise da coleção a partir dos enunciados de K. Pomian. Segundo este autor, coleção é um conjunto de objetos que, retirados do cotidiano, perdem seu valor de uso ou de mercado, passando a ser o que o autor chamou de semióforos. Pontes entre o tangível e o intangível, os objetos formam narrativas que expressam a intencionalidade de quem os coletou. Utilizando como metodologia a pesquisa e o cruzamento das fontes primárias (entre elas a própria coleção), fontes bibliográficas e orais, percebemos que a coleção foi formada em um momento em que intelectuais e políticos procuravam criar imagens representativas da Nação.

### Palavras Chave:

Coleção; Luíza Ramos; Nordeste; rendas; artesanato.

## Introdução/Justificativa

Ingressei no curso de Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) em 1998, obtendo o título de bacharel em 2002. Na mesma universidade cursei a pós-graduação entre os anos de 2012 e 2014, ocasião em que apresentei a dissertação intitulada “*Coleção Luíza Ramos: um Nordeste Imaginado em Rendas*”<sup>1</sup>.

A dissertação é o resultado do trabalho de pesquisa, documentação e conservação realizado na Casa de José de Alencar, equipamento cultural da Universidade Federal do Ceará, no qual sou lotada como servidora desde 2004. A Coleção Luíza Ramos é formada por amostras de rendas (de bilro, de agulha e mecânica) e outros artefatos utilizados na confecção de colchas, roupas e ornamentos.

O trabalho com o acervo da Casa de José de Alencar tem pouco mais de uma década, mas a minha relação com o tema ‘coleções’ é mais antiga. Ainda na graduação, participei, como bolsista de iniciação científica, do projeto de pesquisa intitulado *Coleções e Retratos do Brasil*. Coordenado pela antropóloga Regina Abreu, o projeto se pautava nos enunciados do historiador Krzysztof Pomian<sup>2</sup>. Segundo ele, as coleções são “qualquer conjunto de objetos, naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas, sujeitos a uma proteção especial em um local fechado preparado para esse fim, e expostos ao olhar público”. Denominados ‘semióforos’, perdem seu valor de uso ou de mercado e passam a valer por aquilo que representam. Elos entre o visível e o invisível, o tangível e o intangível, o real e o imaginário, são capazes de nos remeter a outros tempos e nos ligar ao mundo dos mitos, das lendas e histórias. São

suportes materiais que expressam uma ‘narrativa, um ‘discurso’, uma ‘fala’ de quem os reuniu”. Os conceitos de Pomian foram os norteadores das análises realizadas na pós-graduação. A coleção escolhida para ser objeto de estudo no mestrado foi formada pela professora de música, Luíza Ramos, e seu marido, o médico e antropólogo Arthur Ramos.

Alagoano do município de Pilar, Arthur Ramos era filho do médico Manoel Ramos. Nasceu em 1903 e, em 1928, formou-se em medicina pela Universidade da Bahia. Foi diretor do Instituto Nina Rodrigues<sup>3</sup>, o responsável pela reedição das obras do médico maranhense e pela análise de muitos dos seus estudos raciais. Convidado por Anísio Teixeira foi para o Rio de Janeiro em 1934, para exercer a função de diretor da Seção de Ortofrenia e Higiene Mental do Instituto de Pesquisas

Educacionais. Ainda na capital ajudou a criar a cátedra de Psicologia Social na Universidade do Brasil. Autor de diversos livros e pesquisador interessado em temas variados, o Dr. Ramos se notabilizou pelos seus estudos acerca do negro brasileiro. Destacando a contribuição africana para a cultura nacional, nossa miscigenação racial e cultural, assim como a suposta ausência de conflitos entre as raças, Arthur Ramos foi um dos propagadores do mito da ‘democracia racial brasileira’. Os estudos raciais levaram o antropólogo à UNESCO. Em 1949, viajou junto com a esposa para coordenar estudos culturais. Foi para ficar dois anos, mas um infarto, na noite de 31 de outubro de 1949, interrompeu os planos do casal.

Nascida em São Paulo e criada no Rio de Janeiro, Luíza Ramos foi professora da Escola Nacional de Música.

<sup>1</sup> O curso é uma parceria entre a UNIRIO e o Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST).

<sup>2</sup> Enciclopédia Einaudi. Volume 1. 1984.

<sup>3</sup> Raimundo Nina Rodrigues nasceu em Vargem Grande MA em 4 de dezembro de 1862 e morreu em Paris no dia 17 de julho de 1903. Médico, legista e escritor, entre outras atividades, foi pioneiro no estudo acerca do negro no Brasil

Viúva do maestro e pesquisador Luciano Gallet, casou-se com Arthur Ramos em 1936. As poucas informações acerca da Sra. Ramos apontam para uma mulher com conhecimentos de inglês e francês. Em prefácios dos diversos livros que escreveu, Arthur Ramos ressalta a valorosa contribuição da esposa, que era responsável por levantamentos bibliográficos, correspondências, dados estatísticos, datilografia e organização dos dados das pesquisas, entre outras tarefas.

Coletados pela professora e seu marido, os objetos que compõem a Coleção Luíza Ramos foram suportes para as pesquisas do casal acerca da produção das rendas, notadamente as rendas de bilros. Segundo os documentos pesquisados, Luíza Ramos começou a coleção ainda menina, quando recebeu dos pais amostras de renda trazidas da Itália. O passatempo de infância tornou-se um rico objeto de pesquisa. A partir do final da década de 1930, quando casou com o médico e antropólogo alagoano, a professora de música passou a pesquisar o artesanato mapeando o surgimento da renda, a chegada ao Brasil e a assimilação deste nas diversas regiões do território brasileiro.

Mais do que contar a história da renda, o casal procurou analisar os significados sociais e culturais deste fazer artesanal. Parte do resultado das pesquisas foi publicada em 1948 no livro *'A renda de bilros e sua aculturação no Brasil: nota preliminar e roteiro de pesquisas'*. A publicação, que tem dupla autoria (Luíza e Arthur Ramos), só foi possível com a colaboração de diversos agentes ou informantes. Os informantes recebiam um questionário (inquérito) com cerca de vinte perguntas. As perguntas deveriam ser respondidas pelas rendeiras e o inquérito reenviado ao casal com uma amostra de renda com cerca de 20 centímetros. As amostras remetidas juntaram-se às doações de amigos e parentes e aos itens comprados pelos Ramos, enriquecendo a coleção.

Na publicação, os autores ressaltam que o interesse pela renda surgiu ao observar que os estudiosos de folclore negligenciavam as atividades femininas, relegando-as a um papel menor, normalmente complementar às atividades exercidas pelos homens. Destacando que o estudo foi realizado com recursos próprios e em intervalos entre as tarefas profissionais de ambos, relatam as dificuldades com as respostas aos questionários e a ausência de bibliografia. Ressaltando a região Nordeste como um local de excelência na produção da renda, destacavam o Ceará como um dos mais importantes polos produtores do país.

Após a morte do médico, a viúva retornou ao Brasil e tentou dar continuidade aos projetos, mas os poucos recursos inviabilizaram as metas de Luíza. Sem dinheiro, limitou a pesquisa aos estados do Rio de Janeiro e Alagoas e em 1952 vendeu a coleção de rendas junto com a biblioteca, o arquivo e o acervo de pesquisa do falecido marido.

Em 1957, a Universidade do Ceará adquiriu as peças ligadas a religiosidade de matriz africana, rendas, bilros, fusos e almofadas, além de parte da biblioteca e do arquivo pessoal de Arthur Ramos. As peças foram destinadas ao recém-criado Serviço de Antropologia para compor um museu. Transformado em instituto um ano após sua criação, o IAUC (Instituto de Antropologia da Universidade do Ceará) tinha como missão o estudo das populações do semiárido nordestino, estudo que deveria embasar políticas de desenvolvimento econômico para a região. Uma lei federal de 1969 extinguiu o IAUC e os demais institutos de todas as Universidades. Dos antigos institutos surgiram diversas faculdades. O IAUC deu origem à Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais. Com a extinção do instituto, as peças do museu passaram por várias sedes (as mesmas da recém-criada faculdade) até o fechamento do

museu no período 1974/1979. Em 1981 as peças foram enviadas para a Casa de José de Alencar e lá permanecem até hoje.

Ao começar a trabalhar na Universidade Federal do Ceará, fui designada para realizar um inventário das coleções museológicas que, embora, façam parte equipamento, não possuem relação com o romancista José de Alencar e sua família. Inserido em um projeto de recuperação da casa, o inventário revelou ao todo seis coleções<sup>4</sup>. Para obter informações acerca das peças foi necessário recorrer a diversas fontes orais e escritas, que revelaram o potencial de pesquisa de todo o acervo do extinto instituto.

Segundo o Conselho Internacional de Museus (ICOM – sigla em inglês), são considerados museus as instituições permanentes, sem fins lucrativos, que estejam a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento. Abertas ao público adquirem, conservam, investigam, comunicam e expõem o patrimônio material e imaterial da humanidade, com a finalidade de entreter, educar e contribuir com o desenvolvimento social.

Unindo a definição do ICOM ao cotidiano profissional, posso destacar que a pesquisa é a atividade que permeia todas as outras. Segundo Letícia Julião (2006), o papel da pesquisa dentro de um museu é de importância fundamental, pois permite apreender o bem cultural em suas diferentes dimensões, transformando-o em substrato para as formulações de interpretação do mundo e da sociedade. Ainda segundo Julião, o descaso com a pesquisa conduz ao risco de mistificação do objeto, distanciamento do museu do seu compromisso com a formação de uma consciência crítica,

além da estagnação, o isolamento e a perda da própria identidade cultural.

Meu interesse pelas rendas surgiu do contato com as peças e a percepção de que desconheço outra coleção do gênero tão ou mais numerosa. Chamaram a atenção, também, a raridade de algumas peças (como as seis amostras de fibra de bananeira), os documentos de pesquisa do casal, a inexistência de qualquer pesquisa acerca da coleção e a surpresa dos visitantes ao serem informados de que a renda não nasceu no Nordeste.

Além de todos os elementos citados, nortearam a minha pesquisa a figura, praticamente invisível, de Luíza Ramos, a necessidade de compreender os critérios utilizados na escolha das peças, o processo de eleição do acervo e sua aquisição pela universidade, assim como a representação nordestina e feminina em um museu criado para um instituto antropológico ligado ao estudo do semiárido.

## Metodologia

A metodologia empregada na pesquisa foi centrada na análise da própria coleção. Foram os objetos coletados por Luíza e Arthur Ramos que forneceram os primeiros dados para a dissertação. Também foram cruzadas as informações de publicações, documentos escritos, iconográficos (principalmente, os documentos do casal Ramos e da professora Valdelice Girão) e fontes orais (servidores da Casa de José de Alencar, ex-bolsistas, ex-diretores e a própria Valdelice Girão). Publicações e documentos sob guarda da Biblioteca Nacional também forneceram elementos que contribuíram substancialmente para o desenvolvimento do trabalho.

Entre os documentos pesquisados na Casa de José de Alencar encontram-se relatórios, ofícios e publicações do extinto IAUC, além de correspondências, anotações e fotografias

<sup>4</sup> Existem as coleções que resultaram das coletas dos pesquisadores do IAUC. Algumas foram compradas de um colecionador particular do Juazeiro, outras de doações diversas e uma permuta com o Museu do Ceará.

do casal Ramos. Entre as publicações, destaca-se o livro publicado em 1948 por Arthur e Luíza: *A renda de bilros e sua aculturação no Brasil*. Nele podemos observar um panorama minucioso da produção de rendas, seus usos, as relações sociais e a sua importância para a sustentabilidade das comunidades produtoras. Na Biblioteca Nacional estão fotografias e manuscritos que remetem ao trabalho do casal no Brasil e no exterior.

### Considerações finais

O artigo ora apresentado é uma síntese da dissertação de mestrado defendida em março de 2014. Fruto de um trabalho que começou com um inventário iniciado em 2004, a pesquisa mostrou que podemos analisar os enunciados ou narrativas expressas pelo conjunto de objetos em dois momentos distintos: o da formação, durante as décadas de 1930 e 1940, e a aquisição pela Universidade do Ceará, no final da década de 1950.

No primeiro momento percebemos os esforços de intelectuais e políticos para criar uma imagem do Brasil, elegendo objetos, estilos musicais, danças populares, festas profanas e religiosas, estilos literários e artísticos, entre outros elementos que pudessem representar a nação brasileira, tornando-os representantes da “alma brasileira” (grifo meu). Trata-se de um momento em que a cultura popular ganha destaque e a população mestiça, antes considerada símbolo da indolência, da preguiça e nosso grande entrave para figurar entre as grandes nações do mundo, passa a representar o ápice da brasilidade. Segundo Mônica Veloso, trata-se de um “projeto político pedagógico” destinado a educar as chamadas ‘massas incultas’ através das ações estatais, o popularizando Estado Novo.

Segundo Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2009), até as primeiras décadas do século XX o Brasil

era dividido entre sul e norte. Entre o final da década de 1910 e os anos 1930 a palavra Nordeste passou a ser utilizada para nomear parte do antigo Norte, mais especificamente, a região do semiárido, área de atuação da Inspetoria de Obras Contra as Secas (IFOCS).

Ainda segundo Albuquerque Júnior, o Nordeste é uma invenção na qual a região é retratada como o lugar da tradição, das relações sociais arcaicas em que predominam as antigas estruturas de poder. É também o local da seca, que condena inúmeros habitantes à morte e empurra parte deles para o chamado “sul maravilha” (grifo meu), justificando e incentivando a migração de milhares de trabalhadores para o Rio de Janeiro e São Paulo. Muito mais do que um fenômeno climático, a seca é um discurso que permite acesso a verbas para combatê-la, a campanhas televisivas para arrecadação de doativos, etc.

Também lugar de belas praias, a região é um local de grande fluxo turístico. Turismo que, segundo Canclini (1983) se intensificou na década de 1940 e com ele a procura por produtos artesanais. Símbolos de distinção social, bom gosto e erudição das elites, o consumo de objetos e da cultura tradicional denotam apreço pelo ‘típico’ e pelo ‘genuíno’, classificações que, para Canclini, substituem os termos ‘selvagem’ e ‘atrasado’ e transformam produtos e fazeres tradicionais em mercadorias e atrativos para o mercado turístico.

Em *A renda de bilros e sua aculturação no Brasil*, o casal Ramos assinala que dar ao artesanato o status de bem cultural significa agregar valor ao produto colaborando com o desenvolvimento do turismo e, ao mesmo tempo, valorizando quem produz o artesanato (neste caso, as rendeiras).

Para os Ramos, era necessário elaborar projetos para a qualificação e o auxílio das artesãs, retirando-as das mãos dos atravessadores, comerciantes que adquiriam as rendas à preço baixo junto

às rendeiras para revender por preços muito maiores, obtendo lucros fabulosos.

As pesquisas do casal foram interrompidas com a morte do antropólogo em 1949. Em 1952 o acervo, a discoteca, o arquivo e a biblioteca foram adquiridos pela Biblioteca Nacional, que em 1957 vendeu as rendas, a coleção etnográfica e parte da biblioteca e do arquivo para o Universidade do Ceará. Trata-se de uma aquisição que representa outro momento da coleção. Outro local, outros intelectuais, outros narradores.

Valdelice Carneiro Girão, então conservadora do IAUC, recebeu as coleções, organizou, higienizou, documentou e expôs as peças. A mesma Valdelice Girão catalogou as rendas da Coleção Luíza Ramos e, a partir dos documentos e da publicação da professora de música e do antropólogo, elaborou uma pesquisa acerca da produção das rendas de bilros no Estado do Ceará. Tanto a catalogação da Coleção Luíza Ramos, como a coleta de Valdelice Girão estão descritas no catálogo *A Renda de Bilros*, publicação de 1984 que foi reeditada em 2014.

Na década de 1960, as rendas nordestinas já eram conhecidas como um produto tradicional e de qualidade inquestionável. Contudo, os atravessadores ainda atuavam na região e as rendeiras ainda vendiam seus produtos a preços muito baixos. Muitas delas deixaram a renda para trabalhar em atividades com maior rentabilidade e ganhos fixos, geralmente, empregadas domésticas.

Em seus relatórios a conservadora assinalou a intenção de pesquisar em todo o Nordeste. A escassez de verbas restringiu o trabalho ao Estado do Ceará. Patrocinado pela Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), tinha como meta a análise da produção local e a organização das trabalhadoras em cooperativas. Conservadora e,

posteriormente, professora do Departamento de História, Valdelice Girão se aposentou na década de 1980. Mesmo aposentada, ela trabalhou com o acervo do Museu Arthur Ramos até a década seguinte. Duas vezes por semana se deslocava de táxi de sua casa até o Sítio Alagadiço Novo (como também é chamada a Casa de José de Alencar) para orientar a direção e os demais servidores no trato com o acervo. Segundo nos relatou, a idade avançada e a dificuldade no deslocamento para a Casa de José de Alencar a impediram de continuar o trabalho.

Quanto ao acervo, podemos afirmar que aquilo que hoje vemos na CJA são partes de narrativas ainda não totalmente compreendidas. Apesar de mais de dez anos de trabalho, é necessário destacar que pesquisa é um trabalho contínuo e que não cessa nunca. Quanto mais sabemos acerca de um assunto, mais percebemos a necessidade de buscar informações. Considera-se necessário, e é intenção, dar continuidade ao trabalho, não apenas através de projetos administrativos ou de extensão, mas na investigação acadêmica, notadamente, em projeto de doutorado.

## Referências

ABREU, Regina. O enigma de **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Rocco/Funarte, 1998.

\_\_\_\_\_, CHAGAS, Mário (orgs). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **De amadores a Desapaixonados: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito do conhecimento no Ocidente contemporâneo** in: Dossiê: Trajetos. Revista do Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará – v.3,

n. 6 (abril de 2005). Fortaleza: Departamento de História da UFC, 2005, p. 43-66.

\_\_\_\_\_. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2009.

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção

Primeiros Passos, 36).

BARROS, Luitgarde Cavalcante de Oliveira. **Arthur Ramos e as dinâmicas sociais de seu tempo**. Maceió: Universidade Federal de Alagoas (UFAL), 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore?** São Paulo: Editora Brasiliense, 2006 (Coleção Primeiros Passos, 60).

CANCLINI, Néstor García. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CAMPOS, Maria José. **Arthur Ramos: luz e sombra na Antropologia brasileira. Uma versão da democracia racial no Brasil nas décadas de 1930/1940**. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2004.

CARDOSO, Flávio Teles. **Traduzindo a tradição: A construção do significado do artesanato no Ceará contemporâneo (1987-2002)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Ceará (UECE): Fortaleza, 2010.

CARDOSO, Sinval. **A rede da renda**. Paris, 2009.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no Plural**. Campinas: Editora Papirus, 1995.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência – aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

CHAGAS, Mário. **Museu, literatura, memória e coleção**. In: Memória e construção de identidades. Rio de Janeiro: 7letras, 2000.

DANTAS, Beatriz Góis. **Rendas e Rendeiras no Rio São Francisco: Estudos e Documentos sobre a renda de bilro de Poço Redondo – SE**. Paulo Afonso – BA: Editora Fonte Viva, 2006.

DIANOVSKY, Diana. **“Do meu arquivo inútil”: Uma visão antropológica do sobre o Fundo Arthur Ramos**. Monografia graduação. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), 2009.

\_\_\_\_\_. **Sentidos em construção no Arquivo Arthur Ramos**. In: Coleção Memória do Saber – Arthur Ramos. Rio de Janeiro; Fundação Miguel Cervantes, 2011, p. 268-312.

DIAS, Carla da Costa. **De sertaneja a folclórica: as trajetórias das coleções regionais do Museu Nacional (1920 - 1950)**. Tese de Doutorado em História da Arte/PPGAV/EBA/UFRJ. Rio de Janeiro, 2005.

DIÉGUES, Júnior. **As ideias antropológicas de Arthur Ramos**. In: ARTHUR RAMOS. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde/Serviço de Documentação, [s.d.].

DUARTE, Romeu. **A Casa Natal de José de Alencar e o Projeto Alagadiço Novo**. In: Primeiro Simpósio Nacional Casa de José de Alencar, 2003, p. 40 – 42.

DRUMMOND, Terezinha Bandeira Pimentel. **Tecendo vidas: Cultura e trabalho das rendeiras da Prainha de Aquiraz – CE**. Dissertação de Mestrado. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2006.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O Patrimônio em processo: trajetória da política de preservação no Brasil**. 2 edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; MinC – IPHAN, 2005.

FLEURY, Caterine Arruda Ellwanger. **Renda de bilros, renda da terra, renda do Ceará: a expressão artística de um povo**. São Paulo: Annablume, 286 p.

FURTADO FILHO, João Ernani. **Modernismo café-com-leite: Intelectuais, Arte e Política, 1922-1945**. in: Dossiê: Trajetos. Revista do Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará –v. 3, n. 6 (abril de 2005). Fortaleza: Departamento de História da UFC, 2005, p. 85-100.

GIRÃO, Valdelice Carneiro. **Renda de Bilros**. Fortaleza: Edições UFC, 1984.

GONÇALVES, José Reginaldo. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro: Minc/IPHAN/DEMU, 2007.

GOMES, Angela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 3ª edição, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOBBSAW, Eric; RANGER, Terence (organizadores). **A invenção das tradições**. São Paulo; Paz e Terra, 2012.

HOLANDA, Cristina Rodrigues. **Sítio Alagadiço Novo e Casa de José de Alencar: um breve histórico**. Fortaleza, 1999.

\_\_\_\_\_. **Museu Histórico do Ceará: A memória dos objetos na construção da história (1932-1942)**. Fortaleza: Museu do Ceará (MC)/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará (SECULT), 2005. (Coleção Outras Histórias – 28).

\_\_\_\_\_. **Museu do Ceará e Outras Memórias: entrevista com Valdelice Girão**. Fortaleza/Museu do Ceará /Secretaria de Cultura do Estado do Ceará. 2006. (Coleção Outras Histórias – 42).

- HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória – Arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2006.
- JULIÃO, Letícia. **Pesquisa histórica no museu**. In: Caderno de diretrizes museológicas. Belo Horizonte: MinC/ IPHAN/ DEMU/Secretaria de Cultura/Superintendência de museus, 2006.
- LE GOFF, Jacques. **Documento/Monumento. História e Memória**. Campinas/SP: Editora UNICAMP, 2003.
- LOUREIRO, Maria Lúcia de Niemeyer Matheus. **Preservação in situ X exsitu: reflexões sobre museologia**. (apresentado no 3o Seminário Ibadrid, Madrid, Espanha).
- Disponível em: <http://siam2011.eu/up-content/uploads/2011/10Maria-Lucia-Niemeyer-penecia-Draft.pdf>.
- MAGALHÃES, Aline Montenegro. **Culto da saudade na casa do Brasil: Gustavo Barroso e o Museu Histórico Nacional**. Fortaleza: Museu do Ceará (MC)/ Secretaria da Cultura do Estado do Ceará (SECULT), 2006. (Coleção Outras Histórias – 49).
- MARTINS FILHO, Antônio. **O outro lado da História**. Fortaleza: Edições UFC, 1983 (436p.).
- MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NETO, Paulo Elpídio de Menezes (org.). **Martins Filho de Corpo Inteiro**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2004.
- NÓBREGA, Christus. **Renda Renascença: uma memória de ofício paraibana**. João Pessoa: SEBRAE/PB, 2005.
- NOGUEIRA, Antônio Gilberto Ramos. **Por um inventário dos sentidos. Mário de Andrade e a concepção de patrimônio e inventário**. São Paulo: Hucitec; FAPESP, 2005.
- NORA, Pierre. **Entre História e Memória: A problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, 1993.
- OLIVEIRA, Ana Amélia Rodrigues de. **Juntar, Separar, Mostrar – Memória e Escrita da História no Museu do Ceará (1932-1976)**. Fortaleza: Museu do Ceará (MC)/ Secretaria da Cultura do Estado do Ceará (SECULT), 2009. (Coleção Outras Histórias – 53).
- OLIVEIRA, Márcia Pereira de. **A gestão de Heloísa Alberto Torres e as alterações no espaço da exposição permanente do Museu Nacional**. Monografia. Rio de Janeiro/ UNIRIO, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Coleções Luíza Ramos e Rendas do Ceará: Narrativas sobre a valorização da cultura popular e o desenvolvimento regional (1935-1973)**. Monografia. Fortaleza: Instituto de Teologia Aplicada (INTA), 2010.
- \_\_\_\_\_. **A coleção Luíza Ramos na construção da imagem do Nordeste**. Artigo. Rio de Janeiro/SIAM, 2012.
- OLIVEIRA, Waldir Freitas e LIMA, Vivaldo da Costa (organizadores). **Cartas de Édison Carneiro a Arthur Ramos – de 4 de janeiro de 1936 a 6 de dezembro de 1938**. São Paulo: Editora Corrupio, 1987.
- ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- PIRES, Ana e RÊGO, Pedro. **Rendas de Bilros de Vila do Conde: Um patrimônio a preservar**. Associação para a defesa do artesanato e patrimônio de Vila do Conde: Vila do Conde [s.d].
- POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, no 10, 1992, p. 200-202.
- \_\_\_\_\_. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, no 3, 1989, p. 3-15.
- POMIAN, Krzysztof. **Coleção**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1997. In: Enciclopédia Einaudi, volume 1, Memória-História, p. 52.
- RAMOS, Arthur. **O negro brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S/A, 1934.
- RENDA DE AGULHA. In: Enciclopédia Mirador Internacional. Rio de Janeiro- São Paulo: Encyclopedica Britannica do Brasil Publicações Ltda, 1995, p. 9786
- RUOSO, Carolina. **Museu do Ceará e a linguagem poética das coisas (1971-1990)**. Fortaleza: Museu do Ceará (MC)/ Secretaria da Cultura do Estado do Ceará (SECULT), 2009. (Coleção Outras Histórias – 54).
- SANTOS, Ricardo e MORAES, Nilson. **A Construção da Identidade Nacional: a educação higiênica nos anos 20**. In Lemos, Maria T. T. e Moraes Nilson. Rio de Janeiro: Sete letras, 2000, p. 99-104.
- SAPUCAIA, Antonio (organizador). **Relembrando Arthur Ramos**. Maceió: EDUFAL, 2003.
- SECRETO, María Verónica. **Processo de trabalho, transformações produtivas e processos sociais – A assistência familiar nos contratos dos soldados da borracha durante o governo Vargas**. Uma aproximação a discussão



dos direitos dos trabalhadores. 1o Encontro da Rede de Estudos Rurais. Universidade Federal Fluminense (UFF): Niterói (RJ). 04 a 07 de julho de 2006.

SILVA, Michel Platini Fernandes da. **Coleção, colecionador, museu: entre o visível e o invisível. Um estudo acerca da Casa de Cultura Christiano Câmara em Fortaleza, Ceará.** Dissertação de Mestrado. UNIRIO/MAST: Rio de Janeiro, 2010.

THIESEN, Icléia. **A coleção Arthur Ramos: da formação à (in)visibilidade. In: Coleção**

**Memória do Saber – Arthur Ramos.** Rio de Janeiro; Fundação Miguel Cervantes, 2011, p. 97-133.

VELLOSO, Mônica Pimentel. **Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1987.

VIEIRA, Maria Josiane; OLIVEIRA, Márcia Pereira de. Inventário da Casa de José de Alencar. In: Congresso Internacional de História – memória, ensino e bens culturais, Teresina: UFPA, 2008.